



sala preta
ppgac

DOI: 10.11606/issn.2238-3867.v23i1p2-6

EDITORIAL

Corpo editorial Revista Sala Preta

com Gina Monge Aguilar
e Stênio Soares



Editorial

A *Sala Preta* publica, neste primeiro número de 2024, o Dossiê Teorias da Cena em Perspectivas do Sul, que explora possibilidades de engajamento com a atual convocação à de(s)colonização das teorias e da *práxis* que envolvem as Artes Cênicas. Essa convocação, aqui abordada pela noção de **perspectivas do sul**, tem demandado revisões críticas dos estratos que tradicionalmente fundam e sustentam a área. Ampla e historicamente centrados em paradigmas euro-estadunidenses, estes estratos são atualmente desafiados de modo a reconhecer a urgência em resgatar, fundar e sistematizar paradigmas locais, que conversem com as especificidades deste (nosso) território ao sul do mundo. O sul, por sua vez, é aqui reportado não apenas enquanto localização geográfica, mas, especialmente, como lócus produzido por processos de marginalização perpetrados pelo colonialismo, e reiterados pelo capitalismo, ao longo da construção das suas narrativas históricas. Para questioná-las se faz necessário, portanto, efetivar problematizações e perspectivas divergentes, além de resgatar saberes, capazes de fundar outras categorias e possibilitar viradas interpretativas (similares àquelas apontadas por Margareth Rago em *Epistemologia Feminista, Gênero e História*). Ou seja, questionar o passado, o instituído, para fundar outras possibilidades de futuro.

Nessa relação, a visão *Aymara* sobre o futuro e o passado oferece vislumbres férteis. Os *Aymara*, povo originário da região andina da América do Sul, percebem esses dois polos temporais de maneira diversa àquela instituída. Na linguagem *Aymara*, *nayra* significa passado, mas também à frente; e *quipa* significa futuro, mas também atrás. Logo, para esse povo o passado está adiante e o futuro encontra-se atrás; ou, olhamos para o passado com as nossas costas para o futuro. Uma reorientação similar é proposta pelo físico brasileiro Márcio D’Oliveira Campos (em *A Arte de Sulear-se*), quando ele cunha o termo **sulear** em oposição e como contraponto ao amplamente utilizado **nortear** – empregado corriqueiramente para expressar um ponto de orientação. Na sua proposição, adotada também por Paulo Freire (*A Pedagogia da Esperança*) e por tantos outros autores, Campos sugere dar as costas para o norte, e colocar-se de frente para o sul como estratégia de orientação espacial – opondo-se à regra de orientar-se, geograficamente, sempre com a frente para o norte –, adotando

o Cruzeiro do Sul como forma de **suleamento**. Essas reorientações diante do espaço (Campos) e frente ao tempo (povo Aymara) são aqui colocadas como modos de simbolização de um movimento que demanda manter paradigmas euro-estadunidenses na retaguarda (dando-lhes as costas) de modo a focar o sul: com suas epistemologias, histórias e modos de vida – suprimidos pelos processos de colonialidade do ser, saber e do poder, como os sugerem o giro decolonial latino-americano –, e seus desdobramentos no que entendemos como as teorias das Artes Cênicas. Logo, neste número o sul se constitui em imperativo que orienta perspectivas sobre a cena. Nele convergem e habitam povos originários e diaspóricos, corpo e escrita, florestas e encruzilhadas, teoria e prática, cidades e ruínas, o passado e o futuro, saberes tradicionais e academicamente instituídos, entre outros.

Os textos deste número abordam algumas cenas e saberes que escapam e friccionam o “universal” e seus sistemas, e colocam em evidência vários suís; bem como os desafios e paradoxos contidos nas relações estabelecidas com seus vários temas. São traçadas algumas aproximações com a América Latina e resgatados modos de produção e organização que escapam à lógica do individualismo neoliberal. São evidenciados agentes da cena historicamente ocultados por supressões orientadas por opressões de gênero, raça, sexualidade e classe, entre outros. O dossiê é composto por sete artigos que investigam perspectivas do sul em termos das poéticas, dos temas, dos modos de produção, criação e circulação da cena e suas epistemes. Por sua vez, a seção de Fluxo Contínuo conta com um artigo que contribui com esses discursos, construindo a revisão de questões previamente colocadas na área.

O artigo “Cenografia expandida a partir do Sul: por uma perspectiva decolonial da linguagem, prática e estética espaço-visual”, de Renato Bolelli Rebouças, abre o Dossiê evocando a noção de Epistemologias do Sul, principalmente a partir de Boaventura de Souza Santos. O autor propõe um fazer cenográfico instituído em campo expandido e que se vale, a partir de uma relação ambiental, ética e esteticamente da precariedade do contexto e de estratégias de reuso e ressignificação de materiais.

Por sua vez, em “Abalar a cara pálida: percursos performativos para cruzar ontologias e gerações”, Lígia Borges traz as noções de alma selvagem e de perspectivismo ameríndio tais como formuladas por Eduardo Viveiros

de Castro, que estabelecem, por oposição, os contornos da cara pálida e inspiram pensamentos e ações para alargar visões hegemônicas ligadas ao jogo dramático infantil. Isso a partir de experiências práticas na escola pública.

Já, “Dramaturgias negras do Sul: assentamentos culturais e políticos da cena amefricana do Pampa”, de Acevesmoreno Flores Piegaz, aborda dramaturgias negras produzidas recentemente no contexto do Pampa sul-americano, refletindo sobre esta produção a partir de conceitos afrocêntricos; tais como: ancestralidade; reexistência, agenciamento e luta antirracista; e a abordagem da categoria político-cultural da amefricanidade, criada pela antropóloga Lélia Gonzalez.

Por sua vez, o artigo “Laborarte: pioneirismo decolonial no teatro maranhense”, de Raylson da Conceição, nos leva a pensar o impacto desse grupo no teatro brasileiro, contribuindo com a desconstrução de estereótipos, valorização da cultura local e promoção da justiça social no teatro maranhense.

Aproximando-se da noção de ikupolítica de Wanderson Flor do Nascimento, o artigo “Bailes da Vida: a posituação da vida na cena artística contemporânea de hiv/aids”, de Ramon Victor Belmonte Fontes, se esforça em entender, a partir das obras de Franco Fonseca e Maria Sil, como esses artistas têm ressignificado o imaginário a respeito das pessoas que vivem com hiv na atualidade brasileira.

Em “Práticas artísticas comunitárias como promotoras de conhecimento- emancipação”, Daniela Mota Silva e José Eduardo Silva valem-se de conceitos da teoria/pedagogia decolonial e das Epistemologias do Sul para investigar as potencialidades de Práticas Artísticas Comunitárias (PAC) como possibilidades contra-hegemônicas de socialização e construção de mundo a partir das artes performativas.

Por fim, o Dossiê se encerra com “Corpólítica, corposonho e corpomundo: insurgências cênicas desde sul’américa”, de Fabrício Trindade Pereira, que reconhece elementos cênicos expressos em obras de artistas de três países da América Latina, que fizeram existir, imaginar e compartilhar suas criações em contextos de opressão e crise em sul’América.

Para encerrar o número, a seção de Fluxo Contínuo conta com a contribuição de Rafael Lemos, numa revisão da noção de interculturalidade efetuada pelo artigo intitulado “Interculturalidade em debate: tensões e articulações de

um campo em disputa.” O autor se propõe a friccionar aquele conceito a partir do ângulo das teorias pós-coloniais e do mapeamento de práticas transculturais.

O Dossiê Teorias da Cena em Perspectivas do Sul foi editado numa parceria do Corpo Editorial da *Sala Preta* com Gina Monge Aguilar, da Universidade Estadual de Campinas, e Stênio Soares, da Universidade Federal da Bahia. A presença de ambos contribuiu imensamente com esta publicação, agregando saberes e vivências, na medida em que suas trajetórias e atuações foram fundamentais e decisivas para a abordagem e o enfrentamento das problemáticas e complexidades do campo circunscrito e do objetivo delineado para o número. Ademais, a participação deles também fortaleceu parcerias interinstitucionais e fundou potenciais alianças; que podem apenas fortalecer toda a cadeia de produção e circulação de conhecimento facilitada por um periódico acadêmico. Assim, na medida em que essa parceria inaugurou, neste número, uma primeira colaboração do atual Corpo Editorial com editores-convidados, ela também introduziu outros aspectos aos processos de edição – coletivos, desde o princípio, especialmente ao formarmos um Corpo Editorial coletivo, mas ainda assim dentro de um grupo fixo. Desse modo, nos interessa pensar a prática editorial acadêmica no campo das práticas colaborativas. Desprovidos da figura de um editor-chefe, e trabalhando num grupo de médio porte, complexificamos o trabalho pelas trocas, os atravessamentos e as fricções que constituem a coletividade; presente, de antemão, pela colaboração com autores e pareceristas. Acreditamos que essa seja, também, uma forma de trabalho orientada por uma perspectiva do sul.

Que este número possa efetivamente **sulear** perspectivas para a cena e vislumbrar possibilidades de resgate na medida que reorienta as dimensões dos ofícios que exercemos dentro da cadeira de saberes e fazeres que constituem as Artes Cênicas.

Corpo editorial da Sala Preta em colaboração com
Gina Monge Aguilar e Stênio Soares

Alessandra Montagner, Gina Monge Aguilar, Henrique Rochelle,
Lucienne Guedes, Marcos Bulhões, Sofia Boito, Stênio Soares,
Suzana Schmidt Viganó e Verônica Veloso.